



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

CAMILLA DE MELO SILVA

**JORNALISMO LITERÁRIO: UMA ESTRELA DE SETE
PONTAS NO JORNAL DO COMMERCIO DE PERNAMBUCO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

CAMILLA DE MELO SILVA

**JORNALISMO LITERÁRIO: UMA ESTRELA DE SETE PONTAS
NO JORNAL DO COMMERCIO DE PERNAMBUCO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Orientadora: Profa. Ma. Maria do Socorro Tomaz Palitó Santos

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586j Silva, Camilla de Melo
Jornalismo literário [manuscrito] : uma estrela de sete pontas
no Jornal do Commercio de Pernambuco / Camilla de Melo Silva.
- 2014.
71 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.
"Orientação: Prafa. Ma. Maria do Socorro Tomaz Palitô
Santos, Departamento de Comunicação Social".

1. Jornalismo literário. 2. Teoria estrela de sete pontas. 3.
Jornalismo convencional. I. Título.

21. ed. CDD 070.4

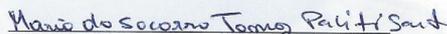
CAMILLA DE MELO SILVA

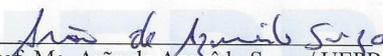
**JORNALISMO LITERÁRIO: UMA ESTRELA DE SETE
PONTAS NO JORNAL DO COMMERCIO DE PERNAMBUCO**

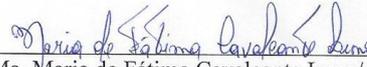
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Comunicação
Social da Universidade Estadual da Paraíba,
em cumprimento à exigência para obtenção
do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Aprovada em 23/07 /2014.

Nota: 30,0


Prof.^a. Ma. Maria do Socorro Tomaz Palitô Santos/ UEPB
Orientadora


Prof. Me. Arão de Azevedo Souza/ UEPB
Examinador


Prof.^a. Ma. Maria de Fátima Cavalcante Luna/ UEPB
Examinadora

RESUMO

Neste trabalho analisamos matérias veiculadas no Jornal do Commercio, discutindo e esclarecendo os conceitos do Jornalismo Literário e, especificamente, as características da Estrela de Sete Pontas conceituada por Felipe Pena (2013). Tal análise foi empreendida através do trabalho exegético dos textos *O flagelo nosso de cada ano*, *Para cada gigante, histórias e risadas* e o *Caderno especial 11*; publicados nos anos de 2011 e 2014. Teoricamente, nortearam nosso estudo Edvaldo Pereira Lima (2009), Marcelo Bulhões (2007), Ciro Marcondes Filho (2000) e o próprio Pena, com definições e características do Jornalismo Literário. A pesquisa empreendida nos permitiu perceber que é possível encontrar o Jornalismo Literário em meio a um jornal tradicional, tendo em vista que o espaço é amplo, possibilitando diversas formas de fazer jornalístico. Com este estilo, acredita-se que o leitor é convidado a conhecer outras vidas por um meio menos rude e mais saboroso.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Literário. Estrela de Sete Pontas. Jornalismo Convencional.

ABSTRACT

In this essay we analyze newspaper articles published by Jornal do Commercio, discussing and explaining the concepts of Literary Journalism and, specifically, the characteristics of the Seven-Pointed Star conceptualized by Felipe Pena (2013). This analysis was undertaken through the exegesis of *O flagelo nosso de cada ano, Para cada gigante, histórias e risadas* and *Caderno especial 11*; published in the years 2011 and 2014. Theoretically, our study was guided by Edvaldo Pereira Lima (2009), Marcelo Bulhões (2007), Ciro Marcondes Filho (2000) and Pena himself, with definitions and characteristics of the Literary Journalism. The carried out research allowed us to realize that it is possible to find the Literary Journalism in a traditional newspaper, given that the space is broad, allowing various forms of doing journalism. With this style, it is believed that the reader is invited to know other lives through a less rude and more delicious way.

KEY WORDS: Literary Journalism. Seven-Pointed Star. Conventional Journalism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO I	13
Jornalismo e Literatura: “Que seja infinito enquanto dure”	13
Sobre o Jornalismo Literário	15
A teoria da Estrela de sete pontas: aquela que nos guia.....	20
CAPÍTULO II.....	22
Da teoria à prática: uma análise do Jornal do Commercio de Pernambuco.....	22
Enfim, as análises.....	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	42
ANEXOS	44

INTRODUÇÃO

A PRIMEIRA VISTA

O café da manhã já está posto. Hoje tem torradas, pão fresco, queijo-e-presunto, leite morno, geleia de amora e requeijão. Tem café preto e suco feito há pouco. O celular pessoal ainda desligado, o profissional dormiu ligado – sempre acaba dormindo assim, porque a qualquer momento podem ligar – o *tablet* está carregando e o *notebook* ficou no escritório. Serve este jornal que acabaram de jogar na grama molhada. É de hoje? Abre aí no caderno *Cidades*. Pronto! Silêncio, por favor.

O jornalismo está no nosso cotidiano, se não com um “bom dia”, será com um “boa tarde” ou “boa noite” – sem falar nas madrugadas insones. Ele sempre vem ao nosso encontro com suas informações prontas para serem devoradas por cada leitor faminto por novidade.

Com o surgimento da Revolução Industrial, o processo de produção e distribuição da informação sofreram modificações. A expansão do comércio exigia um grande número de administradores, operários e técnicos em todos os âmbitos de produção. Por todo esse acontecimento, as tiragens dos jornais se multiplicaram e, para que fosse possível produzir um grande número de exemplares, a mecanização – chave da Revolução Industrial – chegou à indústria gráfica. Era preciso aumentar a quantidade de material impresso. Para que tudo fosse feito dentro do tempo exigido, surge o *lead*¹ e sua capacidade de objetivar as linhas – o conteúdo – dos jornais. Com ele, era possível atender às demandas. Tudo estava voltado para este contexto.

Este do qual falamos e que todos conhecem bem é o que aqui chamaremos de Jornalismo Convencional, Cotidiano e/ou Tradicional. O jornalismo noticioso e urgente; do dia a dia e da informação básica. Porém não é para ele que está voltado o nosso foco. Ao pensar em “novas” alternativas e beber água de outras fontes, trazemos, pois, à baila o **Jornalismo Literário** para ser o protagonista deste trabalho.

Embora incorpore a informação e o conteúdo informativo, o seu grande propósito é compreender a sociedade e os acontecimentos da maneira mais ampla possível dentro da complexidade orgânica que é a vida. Há uma liberdade de pauta – liberdade temática – que faz com que muitas vezes as matérias nasçam não amarradas ao acontecimento já prestigiado

¹ Segundo Simão (2007), o *lead* é uma técnica narrativa criada para conferir objetividade ao texto jornalístico. Normalmente ele está diluído já no primeiro parágrafo da notícia dando ao leitor respostas para seis questões fundamentais: O que? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?

de alguma maneira pela mídia, mas por outros fatores, outras razões e outros caminhos. O propósito do jornalismo tradicional é informar a eclosão dos acontecimentos na sua primeira instância. O do Jornalismo Literário é buscar uma compreensão mais complexa da realidade.

Existe uma escola e tradição da *literatura da realidade* – mais conhecida como Jornalismo Literário, e também como Jornalismo Narrativo ou Literatura Criativa de Não Ficção – da qual participaram e participam escritores e escritoras do quilate de *Norman Mailer, Gabriel García Márquez, Ernest Hemingway, Truman Capote, Tom Wolfe, Joan Didion, Eliane Brum* e *José Hamilton Ribeiro*. Todos eles, em épocas um tanto distintas, buscando desfrutar deste casamento entre a Literatura e o Jornalismo – uma relação que será explorada mais adiante.

Vale ressaltar que o Jornalismo Literário não está presente apenas no meio impresso. Antes de tudo, o Jornalismo Literário é uma atitude, uma visão e uma maneira de ver a realidade. E este espírito está presente, hoje, na *internet*, no jornal impresso e no *online*; na revista impressa e na *online*, como a revista *Piauí, Época* (com suas colunas semanais) e *Brasileiros*; na televisão, presente em programas jornalísticos como o *Profissão Repórter* e suas histórias da vida real; e, no Brasil, nos documentários de cinema – aqui cabe citar os trabalhos realizados pelo cineasta Eduardo Coutinho, com *Cabra Marcado pra Morrer* e *Edifício Master*; e Eliane Brum, com *Uma História Severina*, por exemplo.

O que se sabe é que só não há público se um texto for mal escrito ou se uma reportagem não for interessante; se o jornalista não puder enxergar o que há de grandioso por trás daquilo que parece ser banal ou cotidiano; e se ele não dominar a tecnologia do jornalismo de boa qualidade. Mas se dominar, se investir, se apre(e)nder, se for adiante; claro que há possibilidade e há grandes coisas a serem feitas. É como diz Lima:

Qualquer texto jornalístico, para ser considerado como tal, deve informar, portanto elementos da realidade que o tornam verossímil, identificável, por muitos de nós. Tratam-se de dados primários que ancoram a matéria naquilo que podemos aceitar como real e concreto. A exatidão e precisão, portanto, fazem parte do ideário. Contudo, o modo como se atende a esse quesito no jornalismo literário é muito mais criativo – e desafiador – para o autor do que no jornalismo convencional (LIMA, 2009, p. 355).

E Wagner Sarmiento complementa:

Acredito que não existe pauta banal. Tudo depende do tratamento que lhe é dado. A atuação do repórter sobre essa pauta pode empobrecer ou dar uma guinada no assunto. É lógico que não é sempre que você

vai lançar mão desse artifício, mas, sempre que possível, busco contar aquela história de uma maneira diferenciada, única, de forma que ela prenda e instigue a atenção do leitor e de forma que eu esteja carimbado naquele texto para além de minha assinatura na matéria. Qualquer jornal sempre há de dar espaço a um bom texto. Escrever é envolver, conquistar.²

A definição de Jornalismo Literário é problematizada por alguns autores de maneiras distintas, porém com bases similares – em aqui falamos em Edvaldo Pereira Lima, Vitor Necchi, Felipe Pena, entre outros. Isto significa que podemos nos embasar teoricamente por todos eles e extrair conclusões pertinentes que servem de apoio para o nosso trabalho. Pena afirma que

Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como New Journalism, iniciado nas redações americanas da década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística (PENA, 2013. p. 21).

Para Lima (2009), o Jornalismo Literário é a “modalidade de prática da reportagem de profundidade e do ensaio jornalístico utilizando recursos de observação e redação originários da (ou inspirados pela) literatura”. Outra fala importante é a de Brum (2011), que reconhece a importância do estudo desta vertente do jornalismo e, inclusive, é hoje um dos grandes ícones do Jornalismo Literário brasileiro, ela diz:

Pessoalmente, prefiro chamar apenas de bom jornalismo a reportagem que não reduz o mundo, que busca captar não só palavras, mas silêncios, hesitações, texturas, gestos, delicadezas e contradições. A realidade é muito mais do que aspas, e esta criatura complexa, seguidamente escorregadia, é a matéria do bom jornalismo (BRUM, 2011).

Embora cada autor tenha sua visão e forma de conceituar o Jornalismo Literário, é importante levar em consideração as características que todos eles trazem em comum, pois são elas que guiam, “no frigidar do ovos”, o processo deste fazer jornalístico.

Os autores mencionados são a base desse estudo, tendo em vista que a categoria teórica que estamos trabalhando é o de Jornalismo Literário. Naturalmente, à medida que o

² Entrevista concedida a autora em 23/06/2014.

trabalho vai sendo construído, e de acordo com a necessidade do mesmo, vamos utilizando conceitos próprios do jornalismo tradicional e alguns conceitos – e características – da Literatura, levando em consideração que a mesma pode ser vista como fio condutor para a humanização dos indivíduos em sociedade, tendo em vista que é na arte das palavras que os mesmos podem se (re)conhecer, subvertendo (ou não) o que ali está posto. É esse aspecto que percebemos no Jornalismo Literário, pois há um exercício com a humanização através de fatos reais.

Deste modo, o trabalho justifica-se inicialmente por dar visibilidade ao Jornalismo Literário que, apesar da longa estrada, ainda é pouco conhecido – com este nome e com o arcabouço teórico que o sustenta. Outrossim, o estudo torna-se pertinente por desmistificar a ideia de que o Jornalismo Literário quer ocupar o espaço do Jornalismo Convencional. Aqui o visualizamos enquanto uma possibilidade dentro do universo jornalístico. Ora, as formas de escrita são inúmeras e seria ilusório – e impertinente – buscar preencher todas as lacunas que a necessidade de informação (do leitor) deixa em aberto. O Jornalismo Literário bebe diretamente da fonte do jornalismo do dia a dia. É deste segundo que o primeiro tira as características que lhe servem de sustento.

Diante disso, o objetivo geral que norteia este trabalho é, a partir da análise de texto, mapear a presença das características do Jornalismo Literário em três reportagens dos cadernos dominicais do *Jornal do Commercio* de Pernambuco. E, assim, descrever e compreender estas características, pautadas, primeiramente, no conceito da Estrela de Sete Pontas, de Pena (2013) e, para além desta, faremos uso de outras características deste tipo de jornalismo, que foram emergindo dos textos analisados e pontuados no decorrer do trabalho.

O *Jornal do Commercio* foi definido como objeto de estudo após uma pesquisa nos jornais locais paraibanos (nos âmbitos municipal e estadual) e, não encontrando reportagens com o perfil necessário, passando a buscar sempre um material que fosse produzido no local mais próximo – geograficamente falando. A seleção das matérias foi feita após a leitura das edições de domingo no período de setembro de 2011 a março de 2014. Foram escolhidas três matérias que chamaram atenção devido ao seu conteúdo e sua escrita. Logo, há neste processo de definição do objeto (também) uma escolha subjetiva, visto que vieram compor o *corpus* do trabalho as reportagens que mais continham traços do Jornalismo Literário.

Dentre elas temos o texto de Wagner Sarmiento³. Em entrevista concedida, Wagner diz que em 2011 viajou aos EUA e escreveu o *Caderno Especial 11*, que recontava os 10 anos do 11 de Setembro pelos olhos e relatos de 11 nordestinos que lá estavam no dia que mudou o mundo. O trabalho foi publicado na edição de domingo do dia 11 de setembro de 2011. Com este texto, ele foi finalista do Prêmio Cristina Tavares, que o repórter venceu por duas vezes – com o prêmio *Reportagem e Reportagem com Desdobramento*⁴.

A segunda reportagem selecionada também foi escrita por Wagner Sarmiento e esta foi publicada no caderno *Cidades* do dia 05 de janeiro de 2014. *O Flagelo Nosso de Cada Ano* fala sobre dois “amigos de rua e parceiros de ocasião, Francisco e Paulo têm histórias de vida marcadas pelo vício. Eles sentem na pele o poder destrutivo da droga” (SARMENTO, 2014).

Por fim, a terceira análise foi feita da matéria do caderno *Cidades* publicada no domingo dia 23 de fevereiro de 2014 pela jornalista Verônica Almeida⁵. *Para cada gigante, histórias e risadas* nos leva para o universo de criação dos bonecos gigantes que passeiam tradicionalmente pelas ruas do carnaval de Olinda todos os anos. “Sílvia Botelho conta como é a brincadeira de fazer bonecos, fruto da arte, fantasia e do bom humor olindense”⁶.

Diante disso, a hipótese que sustentou a tese desse estudo foi a de que é possível encontrar traços do Jornalismo Literário em meio à produção desenfreada e prática do jornalismo tradicional. Acredita-se que é importante trabalhar a subjetividade⁷, visto que a

³ Formado em Jornalismo e História, o jornalista começou a trabalhar no Jornal do Commercio em 2007 como estagiário na editoria de *idades*. Concluiu jornalismo no final de 2008 e já em 2009 foi contratado pelo jornal para trabalhar em *Brasil/Internacional*. Em 2013 voltou a publicar em *idades*.

⁴ O Prêmio Cristina Tavares de Jornalismo é um dos mais importantes do Brasil. Foi criado em 1993, pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Pernambuco (Sinjope) e se destaca como um dos três maiores do Brasil, entre os promovidos por sindicatos de jornalistas profissionais. A categoria de Reportagem com Desdobramento engloba artigos, ensaios, entrevistas, reportagens, ilustrados ou não, de autoria de um ou mais jornalistas, em jornais e revistas. Comumente os trabalhos selecionados para concorrerem ao prêmio têm características próprias do Jornalismo Literário, embora não seja assim denominado no regulamento. Isto só confirma que o termo é pouco difundido e, mais do que isso, que os profissionais talvez não atentem para o tipo de texto que produzem.

⁵ Jornalista com 26 anos de experiência no jornalismo impresso, começou a trabalhar antes de sua formatura em 1991. Dedicou parte de sua trajetória a temas de cunho social, em especial saúde, com o acompanhamento diário do sofrimento da população que depende do sistema público (SUS). Como repórter especial do Jornal do Commercio, produziu reportagens diárias e especiais; além de assinar uma coluna semanal sobre saúde pública, com versão *online* (<http://jconlineblogs.ne10.uol.com.br/maissaude/>) que tem o objetivo de estimular o debate sobre as políticas públicas, atualizar profissionais, expor as reivindicações da sociedade organizada e das minorias excluídas, além de promover educação em saúde. Ganhou nove prêmios de jornalismo (seis de abrangência nacional) com matérias sobre educação, infância, mortalidade infantil, violência, câncer, acesso à rede de saúde, e foi finalista do Prêmio Esso de Reportagem (fonte: <http://premiochedejornalismo.com/veronica-almeida/>).

⁶ ALMEIDA, Verônica. p. 6. *Cidades*. 2014.

⁷ O conceito de *subjetividade* utilizado neste trabalho é o de Félix Guattari. Para este autor, a “(...) subjetividade não é passível de totalização ou de centralização no indivíduo” (Guattari & Rolnik, 1996, p. 31) Fica claro que a

realidade das coisas não deve ser observada apenas como sendo factual, linear, objetiva e concreta. Acredita-se, no contexto deste estudo, que todo e qualquer acontecimento é carregado de intensidade emocional.

Para que tal objetivo fosse alcançado, o percurso metodológico que desenvolvemos passou por três fases: pesquisa geral de periódicos; seleção de matérias; leitura e análise partindo como princípio a Estrela de Sete Pontas, de Pena (2013).

Delimitado o periódico, passamos a escolher quais as matérias estariam no *corpus* de nossa pesquisa. Em seguida, buscamos mais referências sobre os autores de cada texto. Da jornalista Verônica Almeida através do material disponibilizado pelo próprio jornal; e sobre Wagner Sarmiento inicialmente também pelo material disposto pelo jornal e, mais tarde, com entrevista realizada via *email*, por entendermos que a entrevista em profundidade é um recurso metodológico que busca, com base nas teorias, recolher respostas. A entrevista foi realizada nos dias 22 e 23 de junho de 2014.

Este estudo analisa o conteúdo produzido pelos jornalistas nas reportagens selecionadas. Nesse ponto, Gaskell e Bauer (2003) discutem a análise de texto que está presente na Análise de Conteúdo através das características dos textos em questão. Eles afirmam que a análise de conteúdo é uma construção social, quando leva em conta alguma realidade. Isto se aplica ao que encontramos nas reportagens analisadas.

Trata-se ainda de uma pesquisa qualitativa e de acordo com Lakatos e Marconi (2001), adota diferentes significados no campo das ciências sociais que, neste sentido, são exploratórias e permitem interpretação. Uma das propostas atendidas pela pesquisa qualitativa foi o caráter descritivo onde estas reportagens estão presentes.

Passado este momento, adentramos a análise com base inicialmente na Estrela de Sete Pontas de Pena (2013) e em seguida procuramos perceber quais os outros aspectos do Jornalismo Literário poderiam ser vistos nos textos.

Foi seguindo este passo a passo que conseguimos elencar as sete características principais apontadas por Felipe Pena e passamos a identificá-las em cada reportagem analisada. Para além de cada ponta encontrada e definida, foram trazidas outras características que aproximavam cada matéria ainda mais ao Jornalismo Literário, confirmando, assim, a nossa hipótese. Pudemos confirmar, não apenas nas análises que foram ilustradas, mas no

subjetividade não faz supor uma posse, mas uma produção incessante que desencadeia a partir dos encontros que vivemos com o outro. Nesse caso, o outro pode ser compreendido como o outro social, mas também como a natureza, os acontecimentos, as invenções, enfim, aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver.

Jornal do Commercio, a existência e a possibilidade do *bom jornalismo* em meio ao jornalismo convencional.

É importante estar sempre atento, pois, como nos diz Brum:

Existe bom e mau jornalismo. O bom jornalismo é aquele que se faz apurando todos os detalhes, atravessando a rua e mudando de ângulo várias vezes, sempre aberto para o espanto. Aquele que se ouve um pássaro cantar vai descobrir que pássaro era aquele, se diz que fazia sol no dia em que aconteceu um crime é porque checkou com três sites de meteorologia diferentes para ter certeza de não errar, além de ouvir várias pessoas apenas sobre este detalhe específico. É na precisão dos detalhes, na quantidade de nuances, na reprodução do ritmo e da fala e no respeito pelas palavras do outro que a reportagem se faz substantiva e comprova sua qualidade e relevância. Na reportagem, não há milagre, e o talento para escrever não salva ninguém da preguiça. O cara pode ser um prêmio Nobel da literatura que, se apurou mal, vai escrever um texto ruim. E, sim, o bom jornalismo se aplica a tudo o que é da vida (BRUM, 2013).

Ao entrar em contato com o Jornalismo Literário, o único risco que qualquer pessoa corre é o de se apaixonar. Não por este ser melhor do que outros tipos de jornalismo – muito embora Eliane Brum cite o *bom jornalismo* e vale-nos esclarecer que este é um termo usado para se referir à produção textual e não ao tipo de jornalismo – mas por ele conquistar e prender. O Jornalismo Literário tem a capacidade, quase consciente, de despertar a simpatia e o apego de quem o saboreia. É preciso apenas estar atento e de coração aberto. O resto é por conta de quem escreve. Permita-se conhecê-lo!

CAPÍTULO I

JORNALISMO E LITERATURA: “QUE SEJA INFINITO ENQUANTO DURE”

A ideia era dar a descrição objetiva completa, e um algo mais que os leitores sempre tiveram de buscar nos romances e contos, ou seja, a vida subjetiva ou emocional dos personagens.
(Tom Wolfe)

O jornalismo e a literatura caminham de mãos dadas há um bom tempo. Ambos, com estilos distintos de escrita, sempre retrataram as transformações do homem em diversas sociedades, tendo um papel determinante na história. Ciro Marcondes Filho no livro *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos* (1989), traça um quadro evolutivo de cinco épocas distintas do jornalismo. Segundo o autor, o chamado “Primeiro Jornalismo” data de 1789 a 1830 e é caracterizado pelo “conteúdo literário e político, com texto crítico,

economia deficitária, e comandado por escritores, políticos e intelectuais” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 48). Subsequente ao Primeiro, o Segundo Jornalismo data de 1830 a 1900. O Terceiro de 1900 a 1960 e, por fim, o Quarto Jornalismo datando de 1960 em diante.

Pela classificação de Marcondes Filho, a influência da literatura já se faz presente nos chamados Primeiro e Segundo jornalismo. Foi neste período – séculos XVIII e XIX – que escritores renomados se apropriaram dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Essa influência não se deu apenas no comando das redações, mas também marcava de forma determinante a linguagem e o conteúdo dos jornais. O folhetim e seu estilo discursivo seria o principal instrumento que marcaria a confluência entre Jornalismo e Literatura. Ele era a "novela" do século XIX, numa época em que não existia televisão, nem rádio, nem cinema. Esse gênero literário era publicado em capítulos, nos jornais, fazendo com que esse veículo de comunicação se popularizasse ainda mais, trazendo, além das notícias, entretenimento para os leitores. Como corrobora Pena:

O termo francês *feuilleton* não se referia inicialmente aos romances publicados em periódicos. Quando apareceu pela primeira vez, no *Journal des Débats*, denominava um tipo de suplemento dedicado à crítica literária e a assuntos diversos. Mas a partir das décadas de 1830 e 1840, a eclosão de um Jornalismo popular, principalmente na França e na Grã-Bretanha, mudou o conceito, incorporando-o à nova lógica capitalista. Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante (PENA, 2013, p. 28).

Desta maneira, os escritores recebiam pelos serviços prestados e ganhavam visibilidade através da divulgação de suas histórias e nomes. Do mesmo modo, os anunciantes passaram a pagar mais caro pelos espaços publicitários, devido ao aumento das tiragens. Estava, assim, instaurada a lógica capitalista nos jornais.

Outro aspecto relevante é o modo como o folhetim era usado para retratar a realidade. Os críticos o consideram como herdeiro do romance realista, sendo o realismo visto muito mais como uma atitude estética do que como um gênero. Deste modo, tal aproximação era bastante factível. De acordo com Pena (2013, p. 29) “se o conteúdo das obras expressava a necessidade de conhecer a nova ordem social vigente, nada mais justo do que a simbiose com o Jornalismo, também um retrato da época”.

No Brasil, a história do jornalismo não foi diferente, embora o termo *folhetim* fosse confundido com crônica em algumas ocasiões (PENA, 2013). Machado de Assis é

considerado nosso maior exemplo de cronista folhetinesco, publicando críticas incisivas sobre a sociedade brasileira em jornais como a Gazeta de Notícias e o Correio Mercantil. Quase todos os grandes escritores brasileiros do século XIX até o começo do século XX passaram por jornais. Destaca-se José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo, Raul Pompéia, Aloísio de Azevedo, Euclides da Cunha, entre outros.

O folhetim tinha o objetivo de seduzir o leitor e fazê-lo comprar o jornal do dia seguinte para acompanhar a história que estava sendo contada. Deste modo o século XIX marca visivelmente a influência da literatura no jornalismo. Como descreve Pena (2013, p. 32) “os jornais precisavam vender e os autores queriam ser lidos. Só que livros eram caros e não podiam ser adquiridos pelo público assalariado. A solução parecia óbvia: publicar romances em capítulos na imprensa diária”.

A rica convivência entre jornalismo e literatura no Brasil se deu até meados do século XX (década de 50), quando surgiu o *lead* – e a busca pela objetividade⁸ nas folhas dos jornais. Nas décadas seguintes, o jornalismo brasileiro passou por um processo de modernização que estabeleceu uma fronteira entre o jornalismo e a literatura. Porém, nos tempos atuais, voltamos a observar uma reaproximação entre eles reencontrando esta tendência no mercado editorial e em publicações fortemente caracterizadas pelo Jornalismo Literário como, por exemplo, as revistas Realidade (1966-1976), inicialmente, e mais tarde a Piauí e a Brasileiros. É deste ponto que partiremos e nos aprofundaremos mais adiante.

SOBRE O JORNALISMO LITERÁRIO

Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia.

(Felipe Pena)

O escritor colombiano Gabriel García Márquez é autor de uma frase que cabe perfeitamente dentro da proposta do Jornalismo Literário. Segundo Márquez, a melhor notícia não é a que se dá primeiro, mas a que se dá melhor. Para um jornalista literário, a notícia é só

⁸ Segundo Pena (2013, p.40), “a partir da virada do século, no entanto, essa presença (da literatura no jornalismo) começa a diminuir sensivelmente. Na década de 1950, com as transformações estilísticas e gráficas dos jornais, a mudança já está consolidada. A objetividade e a concisão substituem as belas narrativas. A preocupação com a novidade e os *fait divers* assume a função principal na pauta. A Literatura é apenas um suplemento”.

um começo de uma boa história. Isto é afirmado, também, pelo jornalista Wagner Sarmiento ao dizer que:

“é sempre bom se deparar com um texto atraente, sedutor, leve, em que o jornalista saiba destrinchar o tema, brincar com as palavras, impressionar, emocionar, mas, acima de tudo, trazendo as informações corretas. Não basta escrever bem, tem que saber o que escreve”⁹

Quando se fala em Jornalismo Literário, muitos ainda confundem o gênero com o “novo jornalismo”, como se eles fossem a mesma coisa. Na realidade, o novo jornalismo é um momento específico, uma fase exuberante do Jornalismo Literário, ocorrida na década de 60 e ancorada, principalmente, no surgimento de obras de autores como Truman Capote, Norman Mailer, Gay Talese e Tom Wolfe – este último foi o responsável pela escrita do Manifesto do gênero. Lima (2001), no texto *New Journalism x Jornalismo Literário*, publicado no site Jornalite - Portal de Jornalismo Literário no Brasil, diz que:

O new journalism americano foi a manifestação de um momento do Jornalismo Literário. Isso quer dizer que o JL, enquanto forma de narrativa, de captação do real, de expressão do real já existia antes e continua existindo após o new journalism, que foi só uma versão específica do JL, mas uma versão radical quando comparada à anterior, principalmente, no que se refere à capacidade do narrador se envolver com o universo sobre o qual vai escrever.¹⁰

Outro equívoco comum é achar que Jornalismo Literário trata-se de um jornalismo no qual são abordados temas somente relacionados à literatura e/ou um espaço para a produção de contos e crônicas. Um jornalismo, ainda, que traz fatos distantes da realidade cotidiana ou que os trata de maneira fantasiosa e fictícia. Na verdade, no Brasil, o Jornalismo Literário é classificado de diferentes maneiras, como explica Pena:

Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do Jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente no século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculadas em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como New Journalism, iniciado nas redações americanas na década de 1960. E também os que incluem as

⁹ Entrevista concedida a autora em 23/06/2014.

¹⁰ LIMA, Edvaldo Pereira. *New Journalism X Jornalismo Literário*. Disponível em <http://www.jornalite.com.br>. Acesso em 14/05/2014.

biografias, os romances-reportagem e a ficção jornalística (PENA, 2013, p. 21).

Necchi (2007) esclarece, ainda, que o gênero “não se trata de jornalismo de literatura, ou seja, que se ocupa de literatura como objeto” (NECCHI, 2007, p. 102), e afirma que um dos diferenciais do Jornalismo Literário é extinguir alguns mitos do jornalismo, como a impessoalidade e a prioridade ao *lead*, por exemplo. O autor caracteriza o Jornalismo Literário pela “profunda observação, imersão na história a ser contada, fartura de detalhes e descrições, texto com traços autorais, reprodução de diálogos e uso de metáforas, digressões e fluxo de consciência” (NECCHI, 2007, p. 103). Diante disso, é importante que deixemos claro que a intenção não é acabar com o jornalismo clássico, mas dar nova roupagem e/ou criar possibilidades de inovação estética/linguística; além de dar espaço aos jornalistas (e seus trabalhos) que não querem estar limitados aos manuais de redação. Aqui tratamos que modalidades distintas, mas não conflitantes.

A proposta do Jornalismo Literário é potencializar os recursos do jornalismo, deixando o leitor contextualizado e partindo do princípio de que a comunicação não deve se limitar a noticiar fragmentos da realidade. Segundo Lima,

Essa tradição é o jornalismo literário, assim denominado pela incorporação de recursos e técnicas de captação e redação provenientes da literatura. É um jornalismo narrativo, de autor. Busca expressar a realidade contando histórias, na maioria das vezes com um foco centrado fortemente nas pessoas de carne e osso que dão vida aos acontecimentos. Espera-se, do narrador, uma voz própria, um estilo individualizado de condução do texto (LIMA, 2003, p. 10).

É bem verdade que a narrativa deve tornar o texto mais saboroso, mas o conteúdo precisa ser rigorosamente real, senão, não é jornalismo, e sim literatura – e é aqui que devemos delimitar onde termina uma coisa (literatura) e onde começa outra (jornalismo), porém sem separá-los por completo. Ora, literatura não é só ficção, assim como jornalismo não é só objetividade. Ao que Lima explica:

Qualquer texto jornalístico, para ser considerado como tal, deve informar, portanto elementos da realidade que o tornam verossímil, identificável, por muitos de nós. Tratam-se de dados primários que ancoram a matéria naquilo que podemos aceitar como real e concreto. A exatidão e precisão, portanto, fazem parte do ideário. Contudo, o modo como se atende a esse quesito no Jornalismo Literário é muito

mais criativo – e desafiador – para o autor do que no jornalismo convencional (LIMA, 2009, p. 355).

O Jornalismo Literário pode estar em todas as editorias, pois ele é universal. O gênero não se limita a uma temática específica – nem é capaz de considerar algo desinteressante. Qualquer assunto pode ser abordado e tudo sempre vai depender do olhar que o repórter põe em cada coisa e de como a história pode/vai ser interpretada e contada. Aqui cabe citar uma das grandes figuras do Jornalismo Literário atual, Brum:¹¹

Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido (BRUM, 2006, p. 191).

Ao que Wagner Sarmiento completa:

para o jornalista é essencial saber ouvir, gostar de ouvir, querer mergulhar no universo dos outros. É ter a consciência de que cada pessoa é dona de uma história que, por mais banal que pareça a um primeiro olhar, é decerto cheia de meandros, de segredos, de interrogações, de dramas, de alegrias, de detalhes a serem descobertos. E a apuração não está somente nas palavras ditas, mas também nas não ditas, nos silêncios, nos gestos, nas expressões. Longe de entender de gente como Eliane Brum, procuro fazer essa imersão, nos assuntos e nas pessoas. E é preciso nunca perder a capacidade de se emocionar, de se indignar, de se envolver de alguma maneira. Por mais que os manuais do jornalismo peçam distanciamento e isenção, nosso texto sempre trará nossas impressões, um pouco de nossa alma. É aí onde mora a subjetividade. A imparcialidade é um mito.¹²

Embora a atividade jornalística do Jornalismo Literário nos leve a um oceano com diversas possibilidades de imersão, é preciso estarmos atentos ao fato de que qualquer abordagem, seja qual for o assunto, nunca passará de um recorte, por mais completa que seja; logo, a preocupação é contextualizar a informação da forma mais ampla possível para o leitor.

A grande questão desse gênero é entrar nos assuntos através da figura humana, em vez de entrar por números e dados frios. Essa humanização evita os estereótipos, visando retratar seres humanos com virtudes e defeitos – os heróis, aqui, são reais – e não pessoas tratadas

¹¹ Eliane Brum é uma das mais premiadas jornalistas brasileiras. Ganhou quase 40 prêmios de reportagem, como Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna e Sociedade Interamericana de Imprensa. Gaúcha de Ijuí, nasceu em 1966. Iniciou sua trajetória como repórter no jornal Zero Hora, de Porto Alegre, em 1988.

¹² Entrevista concedida a autora em 23/06/2014.

como fontes de informação; são os personagens e os protagonistas de suas histórias. Segundo Edvaldo Pereira Lima,

Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontrarmos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos. Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações (LIMA, 2009, p. 359).

Jornalismo Literário é o trabalho de mergulho na realidade e do posterior compartilhamento da informação. Este gênero não se detém apenas em noticiar como um periódico. Há uma mescla de subjetividade e realidade; o cruzamento do factual com o poético, ampliando o universo da comunicação, com uma leitura mais abrangente, perspicaz e minuciosa. A subjetividade e a narrativa em primeira pessoa são traços marcantes desse estilo – e ausentes no jornalismo convencional. Porém, Lima (2009) esclarece que o jornalista literário não julga ou opina panfletariamente sobre um assunto e sim, busca não somente explicar os fatos, mas compreendê-los por inteiro, tentando ultrapassar os estereótipos. Vejamos:

Compreender é diferente de explicar. A explicação adota geralmente uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única ou de pouca abertura. Já a compreensão busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas. Faz, nos bons casos de Jornalismo Literário, com que o leitor perceba o que tem a ver, com sua própria vida, tudo aquilo que está lendo (LIMA, 2009, p.366).

No jornalismo tradicional é corriqueira a realização de entrevistas por telefone ou via e-mail. Sendo assim, o “olho no olho” com o entrevistado não existe e o jornalista não vivencia a experiência da pauta, ocasionando certo distanciamento e frieza em relação aos fatos e ao entrevistado. É preciso ir pelo avesso da dinâmica tecnoburocrática predominante. Apurar por intercâmbios eletrônicos de informação, além de excluir da pesquisa a parcela da população que não tem acesso a essas tecnologias, elimina o melhor da prática jornalística: ouvir de perto, ao vivo, de preferência com os pés envolvidos "na lama dos acontecimentos". Ao que PENA (2013) ressalta:

Não pense que basta aplicar os recursos para se tornar um jornalista literário. Principalmente porque você só conseguirá aplicá-los se for um repórter extremamente engajado, entrevistando com exaustão cada um de seus personagens até arrancar tudo que puder com o máximo de profundidade possível. Para isso é preciso passar vários dias com as pessoas sobre as quais vai escrever. E, no momento de mostrar os diversos pontos de vista, sua capacidade de descrição deve superar os melhores romances realistas (PENA, 2013, p. 55, 56).

O Jornalismo Literário traz consigo não só uma notícia. Ele traz também uma história. A informação que é dada ganha companhia de adjetivos; de personagens e suas histórias; de enredos; de figuras de linguagem e de uma contextualização que nem sempre – ou quase nunca – têm a oportunidade de ganhar vida no cotidiano jornalístico e na correria de um periódico. Esta maneira de informar tem aspectos que a tornam, sem exageros, nobre perante outras formas de veiculação de notícia impressa. Por todas as suas particularidades, exige talento, dedicação e grande capacidade de empatia por parte de quem o pratica, afinal a humanização, que é arte de tornar mais real o fato, geralmente está no DNA deste modo de fazer jornalismo.

A TEORIA DA ESTRELA DE SETE PONTAS: AQUELA QUE NOS GUIA

Sempre gostei das histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico.

(Eliane Brum)

Na imprensa comum, o fato de um cachorro morder o seu dono não deve ser considerado notícia; porém se o dono morde o seu cão, ele estará sendo noticiado no primeiro instante do dia. Ora, o fato é diferente, incomum e extraordinário. Possui os chamados critérios de noticiabilidade e, por isso, merece espaço no jornal. É exatamente neste ponto que o Jornalismo Literário entra como subversivo. Ele não desconsidera os critérios de noticiabilidade, porém é capaz de transformar em notícia um fato que, na imprensa comum, receberia pouco ou nenhum destaque. A questão, aqui, é que o óbvio nem sempre é notado.

Diante da dificuldade em se fazer um trabalho comprometido com as causas da coletividade – lutando contra os ideais da sociedade de consumo e fugindo do palco de futilidades e exploração do grotesco e da espetacularização (PENA, 2013, p. 13) – os

jornalistas enredados com a sociedade buscam alternativas. O Jornalismo Literário é uma delas. Para Pena (2006) não se trata, apenas, de um simples exercício da veia literária:

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper com as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários, e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2013, p.13).

Para facilitar a compreensão das características desta possibilidade do fazer jornalístico, Pena (2013) desenvolveu a Estrela de Sete Pontas. São sete itens que norteiam o trabalho do jornalista literário:

1. **Potencializar os recursos do Jornalismo.** O jornalista literário não desconsidera o que apre(e)ndeu no Jornalismo diário. Nem se desfaz de suas técnicas narrativas. Ele as desenvolve de tal maneira que acaba por criar novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação permanecem com sua importância, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de expressar claramente, entre outras.

2. **Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano.** Esta característica implica dizer que o jornalista rompe com duas características marcantes do jornalismo tradicional: a periodicidade e a atualidade. Ele não é mais um refém do *deadline*, a famosa hora de fechamento do jornal, quando inevitavelmente deve entregar sua reportagem. E nem se preocupa com a novidade (o furo), ou seja, com o desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo mais imediato possível. O dever, aqui, é ultrapassar esses limites.

3. **Proporcionar uma visão ampla da realidade.** Ciente, claro, de que esta visão – por mais completa que seja – não se trata do pleno conhecimento do mundo que nos cerca, mas um recorte, uma interpretação. Logo, a preocupação do Jornalismo Literário é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível – o que seria muito mais difícil no espaço limitado que o jornal (cotidiano/comum) dispõe. É preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e localizá-las em um espaço temporal que ultrapassa o momento no qual ocorreu e no qual foi publicado.

4. **Exercitar a cidadania.** Conceito gasto e (quase) esquecido. Porém uma obrigação para quem assume um compromisso com a sociedade. A escolha de um tema deve vir seguida da melhor abordagem e, para além dela, da preocupação em como aquele material poderá contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade.

5. **Romper com as correntes do *lead*.** Uma estratégia criada no início do século XX por jornalistas americanos com o intuito de conferir objetividade à imprensa. A proposta foi possibilitar certa cientificidade nas páginas dos jornais e diminuir a influência da subjetividade. O texto deveria responder, no primeiro parágrafo, a seis questões básicas: Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê?

Apesar da subjetividade não ter diminuído, esta proposta realmente tornou a imprensa menos prolixa e mais ágil. Fugir do *lead*, logo, se traduz em aplicar estratégias literárias de construção narrativa, com criatividade, estilo e elegância.

6. **Evitar os definidores primários ou os famosos “entrevistados de plantão”.** Estes são aqueles sujeitos que ocupam algum cargo público e/ou têm certa influência estando, assim, sempre presentes na imprensa. São eles: governadores, ministros, advogados, psicólogos, etc. Devido à falta de tempo do Jornal tradicional, torna-se mais confortável, da parte dos repórteres, o contato com fontes que já estão adaptadas com o processo de entrevista e busca de informações. Temos, assim, um ciclo vicioso. É preciso ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados.

7. **Perenidade/permanência.** A última ponta da estrela de Pena traz um ponto crucial no Jornalismo Literário: a não efemeridade/superficialidade da obra. Diferente das reportagens cotidianas que, majoritariamente, são esquecidas no dia seguinte. Ele nos explica que “na verdade, a busca pela permanência reflete o segundo motivo mais importante para se escrever: o medo da morte. O escritor procura fugir da fugacidade da vida pelo tortuoso caminho das letras” (PENA, 2013, p. 15).

As sete pontas da estrela, que guia a construção da reportagem literária de Pena (2013), servirão como base para a análise que será feita mais adiante. Na prática, poderemos identificar estas características e ilustrá-las conforme for necessário. Isto permitirá a compreensão do que se espera das matérias que carregam consigo os traços característicos deste jornalismo que busca beber da fonte da Literatura.

CAPÍTULO II

DA TEORIA À PRÁTICA: UMA ANÁLISE DO JORNAL COMMERCIO DE PERNAMBUCO

Era uma vez o Jornal do Commercio...

Não é fácil, num país como o Brasil, um veículo impresso chegar aos 95 anos de vida. Para contar um pouco da história do objeto de estudo deste trabalho, vale-nos dizer que as primeiras 12 páginas do Jornal do Commercio falavam de quase tudo que interessava ao povo recifense, em 3 de abril de 1919. Na primeira página, o editorial “*Nosso programa*” explicava o propósito do jornal: *trabalhar pelo Norte*.

Este primeiro momento marcou a primeira fase do jornal. Ela dura de 1919 ao empastelamento em 1930. Ressurgido das cinzas, em 1934, o jornal ocuparia um papel de destaque na imprensa pernambucana, nos moldes mais tradicionais – mantendo uma primeira página com a mesma feição gráfica –, inovando em páginas especiais e em seções voltadas para a criança, a mulher, os desportistas. Em meados dos anos 50, uma terceira fase foi marcada pela modernização na forma e no conteúdo, acompanhando as linhas de outras grandes publicações.

Ocuparam espaços no JC, entre outros, nomes como José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Osman Lins, Gastão de Holanda, Ledo Ivo, Haroldo Bruno, Olegário Mariano, Austro Costa, Carlos Pena Filho. A página *Vida Literária* trazia, nos anos 40, a manifestação de escritores e poetas sobre temas correntes, tanto quanto ensaios e críticas. O Carnaval podia ser motivo, como foi, para que Manuel Bandeira entrasse na folia, literariamente falando.

O editorial de primeira página em 19 de abril de 1987 – “*Compromisso com Pernambuco*” – é o marco divisor da quarta grande era do Jornal do Commercio. Ao ter seu controle acionário adquirido pelo empresário João Carlos Paes Mendonça, começava no JC o que o editor-geral Ivanildo Sampaio chamaria de “*uma revolução silenciosa*”, sem amarras partidárias. O partido seria Pernambuco e o Nordeste, compromisso que foi cumprido rigorosamente nos primeiros dias da nova administração da empresa, com a defesa da refinaria para Pernambuco.

Assim o Jornal do Commercio chega aos 95 anos como uma empresa de comunicação que saiu de uma situação de falência para a liderança regional. Ultrapassou obstáculos que pareciam intransponíveis para os meios jornalísticos no começo da década de 80, que começou com a morte de F. Pessoa de Queiroz, o homem que assumiu a empresa nos anos 20, venceu grandes dificuldades e foi vencido por elas, mas foi capaz de manter as bases do patrimônio de comunicação social.

ENFIM, AS ANÁLISES

Para demonstrar a presença do Jornalismo Literário nas reportagens do Jornal do Commercio, foram selecionadas três matérias publicadas no veículo. Os períodos escolhidos foram dos anos 2011 e 2014. Os textos foram trazidos também devido ao intervalo de tempo que há entre eles, permitindo-nos, assim, conferir a permanência de tais características.

Análise I

A reportagem “*O flagelo nosso de cada ano*”, de Wagner Sarmiento, foi publicada no caderno Cidades. O texto do dia 05 de janeiro retrata a história de parte da vida de dois moradores de rua: Francisco e Paulo (nomes fictícios). “Ambos Viciados na pedra, eles perderam o passado e, no fundo do poço, querem fazer de 2014 um ano de transformação, para resgatar o futuro que lhes foi roubado”.¹³

O jornalista aproxima, tanto quanto pode, o leitor da cena narrada. É possível recriar a história a partir da linguagem verbal e, em concomitante, da não verbal – com fotografias que são dispostas nas duas páginas que compõem a matéria. A agressão física que é narrada e a reação de um cachorro ao presenciar a cena; a residência fixada embaixo do viaduto e a convivência dos moradores. Tudo está registrado nas imagens, nas linhas e nas entrelinhas do texto.

Para além do fato em questão, existe uma realidade que a maioria das pessoas conhece e, embora indiretamente, convive: a pobreza nas ruas, o uso explícito de drogas, os maus tratos e a negligência com quem mora nas ruas e depende do dinheiro e da ação pública. Junto da história principal, vem outra narração. Nesta, Wagner fala sobre uma situação que

¹³ SARMENTO, Wagner. p. 2. Cidades. 2014.

aconteceu durante o processo de apuração daquela primeira. O “flagrante de agressão evidência dura rotina”¹⁴, diz o autor.

Foi feita a análise desde material e é possível destrinchá-lo com mais propriedade ao ser feito uso dos conceitos de Jornalismo Literário já estudados e, a partir de agora, vistos na prática. A matéria em questão:

1. Potencializa os recursos do Jornalismo. Segundo Pena (2013, p.14), “os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes”. Logo, não abrindo mão do que é apre(e)ndido no jornalismo convencional, podemos constatar que a matéria analisada apura rigorosamente os fatos (aqui podemos falar nos fatos da vida/trajetória dos “personagens principais”); trabalha de maneira ética ao dar nomes fictícios às fontes que precisam manter o anonimato e/ou evitar exposição (*Paulo e Francisco*); expressa claramente as ideias do texto; entre outros pontos que nos ligam aos recursos do jornalismo tradicional.

Em falas como:

“Todo mundo tem medo da gente. Me sinto envergonhado, triste, humilhado. Dá vontade de falar, de dizer para as pessoas que nós não somos monstros, que elas não precisam temer. Alguns cortam caminho, outros dão meia volta, as mulheres seguram a bolsa mais forte. Dá para notar”, conta Paulo. “Isso machuca. O coração chega fica pequeno”, complementa Francisco.¹⁵

O jornalista nos aproxima de Paulo e de Francisco; e ao resgatar o sentimento de quem vive esta realidade, ele estaria não só potencializando os recursos do jornalismo, como garantindo profundidade aos relatos, ambos sendo características do jornalismo literário, segundo Pena (2013, p.13).

2. Ultrapassa os limites do cotidiano. Quantas vezes nos deparamos com dados, nomes, imagens e textos – inseridos nos mais diversos contextos – sobre esse mal chamado *crack*? Inúmeras. O assunto está nas ruas, nas páginas de jornal, na internet, nas propagandas, nos filmes e nos programas de TV. O apelo é geral e isto é percebido desde o título da matéria: “*O flagelo nosso de cada ano*”. Ele nos remete a algo (re)corrente e prova que não é preciso estar muito próximo, fisicamente, do fato para saber sobre ele. O assunto já não é mais novidade – não é um furo jornalístico – porém isto não o torna menos importante. “Em outras palavras, quer dizer que o

¹⁴ SARMENTO, Wagner. p. 3. Cidades. 2014.

¹⁵ SARMENTO, Wagner. p. 2. Cidades. 2014.

jornalista rompe com duas características básicas do Jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade” (PENA, 2013, p. 14). Supõe-se que o leitor não pede, pois, o fato imediato, mas o que precisa ser feito para tratar do mesmo. Logo, aqui nós podemos identificar o rompimento dos limites do que é “pra já”.

3. Proporciona uma visão ampla da sociedade. A reportagem analisada vai muito além do momento do trabalho realizado. Vê-se que ela resgata duas histórias de vida e nos leva até elas fazendo um cruzamento entre a trajetória dos usuários de crack e a realidade da cidade: “Os moradores de rua são símbolos do poder de destruição de uma droga onipresente no Recife, que arrasa famílias, espalha medo e cria exército de marginalizados nas ruas da capital”.¹⁶

Mais a frente, o jornalista vai até o órgão responsabilizado em resgatar estas pessoas, para que dele consiga obter informações sobre uma possível recuperação desses dependentes. Há, portanto, um envolvimento e uma preocupação (por parte do jornalista) que perpassa o texto escrito, a entrevista e toda a objetividade do trabalho jornalístico. Por fim, encontramos uma ligação direta do fato/tema principal com outra situação que surgiu durante o processo de construção da matéria. Vejamos:

Uma cena flagrada no dia 18 do mês passado pela reportagem dimensiona o flagelo do crack. A equipe fazia uma ronda pela Rua Imperial, debaixo do Viaduto Capitão Temudo, local que se transformou numa pequena cracolândia. Uma movimentação atípica, de repente, chamou atenção. Duas mulheres agrediam uma usuária de crack na esquina da Rua Lourenço da Silva, na Ilha Joana Bezerra, área central do Recife. Alegaram que Adriana (nome fictício) havia praticado pequenos furtos em casas da região. Visivelmente alterada pela droga, a vítima, com cerca de 30 anos, levou tapas, pontapés e chegou a ser arrastada pelo cabelo¹⁷.

Como vimos, o texto se mostra diluído no tempo, ultrapassando o momento no qual ocorreu e no qual foi publicado.

4. Exercita a cidadania. Segundo Felipe Pena, “quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (PENA, 2013, p. 14). Pautados neste ponto, pudemos observar que o texto em questão foca num assunto de extrema relevância para a

¹⁶ SARMENTO, Wagner. p. 2. Cidades. 2014.

¹⁷ SARMENTO, Wagner. p. 3. Cidades. 2014.

sociedade. Embora muitos leitores possam não ter relação direta com o fato, é importante a consciência de que, indiretamente, todos nós devemos tomar conhecimento de histórias como as que são narradas. Elas são reais e, para além do tema tratado, há a vida de algumas pessoas – tão cidadãs quanto qualquer outra – que merecem ser vistas.

A matéria trata do fato, dos entrevistados e da sua possível solução com responsabilidade. Vejamos:

A boa notícia chegou há dois meses: o Plano Municipal de Atenção Integrada ao Crack e Outras Drogas, lançado em novembro e cujos resultados já devem começar a ser notados neste ano. Até o final do primeiro semestre, a Secretaria de Desenvolvimento Social e Direitos Humanos do Recife promete implementar o Programa Atitude municipal e criar 130 vagas de internamento.¹⁸

É possível encontrar aspectos que nos levam a crer que há um compromisso com a sociedade e com os donos da história contada. Neste tipo de jornalismo não há espaço para o “informar por informar”, mas a preocupação de ir além. Existe um lado humano extremamente latente.

5. Rompe com as correntes do lead. A reportagem analisada responde a todas as questões impostas pelo lead (Quem? O quê? Como? Onde? Quando? Por quê?), porém o dilui ao longo de todo o texto. Aqui não há uma preocupação (aparente) com a objetividade que o jornalismo tradicional requer, mas um cuidado subjetivo com o que é dito. Mais vale a história e a forma como é contada.

No jornalismo tradicional, o primeiro parágrafo traz consigo uma síntese da matéria. No jornalismo literário, nós arriscamos afirmar que a preocupação inicial é prender o leitor – envolvendo-o. Há uma preocupação em mantê-lo conectado com o texto da primeira à última palavra. Isto pode ser identificado nas primeiras linhas, quando lemos: “No primeiro domingo do ano, o Jornal do Commercio conta a história de dois homens, amigos de rua, parceiros de ocasião, unidos pela desgraça do crack”¹⁹.

6. Evita os definidores primários. Aqui nós não encontramos os entrevistados de plantão: “aqueles sujeitos que ocupam algum cargo público ou função específica e sempre aparecem na imprensa” (PENA, 2013, p. 15). O repórter precisou sair da

¹⁸ SARMENTO, Wagner. p.2. Cidades. 2014.

¹⁹ SARMENTO, Wagner. p. 2. Cidades. 2014.

redação e ir à rua para buscar (e encontrar) suas fontes – sendo estas pessoas anônimas: “Francisco, 37 anos, e Paulo (nomes fictícios), 30”²⁰ e Adriana. Para isso, ele precisou de um tempo maior do que lhe seria disposto, caso estivéssemos tratando de uma matéria do dia-a-dia.

7. A matéria é perene. A partir do momento que podemos ler uma matéria meses depois de ela ter sido publicada e, ainda assim, não sentir o peso do tempo; podemos concluir que ela não é efêmera e/ou descartável. Para além da leitura que foi feita para a análise da reportagem, podemos perceber que o processo de feitura não se limitou ao presente daquele momento, pois o repórter traz um fato já passado no próprio texto “uma cena flagrada no dia 18 do mês passado pela reportagem dimensiona o flagelo do crack” (SARMENTO, 2014) e nos conta como algo que poderia ter acontecido a qualquer tempo.

O fato tratado, as falas dos personagens e a forma como tudo é organizado; dá a esse tipo de jornalismo a característica de permanência. O jornal não servirá para embalar o peixe da feira no dia seguinte, mas para alcançar uma parcela cada vez maior da sociedade.

A primeira reportagem analisada nos leva, já numa primeira leitura, a identificar as características que contemplam todas as pontas da estrela de Felipe Pena (2013). Neste primeiro momento é de extrema importância a identificação de tais aspectos para que haja um direcionamento nas análises que seguem. É importante destacar, também, que os pontos pontuados no primeiro texto não são os únicos que nos levam a afirmar que a matéria se trata de jornalismo literário, pois, para além da teoria que norteia a nossa análise, há um amplo estudo a respeito desse gênero e de suas características. Porém, neste momento, precisamos nos ater a pontos específicos para que o trabalho alcance o objetivo proposto.

Análise II

A reportagem de Verônica Almeida, “*Para cada gigante, histórias e risadas*”, publicada no dia 23 de fevereiro de 2014; fala sobre o processo de criação dos bonecos gigantes que desfilam no carnaval do Recife. O leitor reconhece, à primeira vista – devido às imagens – os Bonecos de Olinda e já deve captar o assunto do texto. Há cores fortes (alegres) e o ar carnavalesco nas imagens. Este primeiro ponto já o aproxima do conteúdo abordado,

²⁰ SARMENTO, Wagner. p. 2. Cidades. 2014.

visto que a intimidade com determinado assunto nos prende a ele mais do que quando não temos um conhecimento prévio.

O texto principal conta uma história – bem descontraída, diga-se de passagem. É possível imaginar todos os processos narrados e mergulhar dentro da produção daqueles bonecos. A voz do criador, Sílvio Botelho, nos dá a ideia de um narrador-personagem e à medida que o texto avança, ficamos íntimos de cada criação anunciada.

Paralelo à matéria, encontra-se um quadro histórico didático falando sobre o surgimento dos Bonecos do Recife. E, ainda, há uma pequena programação dos desfiles que ocorrerão naquele período. Isto não foi divulgado dentro do texto e acaba por não limitá-lo ao tempo presente da publicação. Mais um traço do Jornalismo Literário que será definido adiante.

De acordo com nossa Estrela, pudemos notar que a reportagem de Verônica Almeida:

1. Potencializa os recursos do Jornalismo. Dificilmente (para não dizer raramente) não serão encontrados os recursos básicos do jornalismo numa matéria literária. Ora, o Jornalismo Literário nasceu do Jornalismo Cotidiano, logo, é da fonte deste segundo que o primeiro bebe diretamente. Assim, conforme o esperado e proposto por Felipe Pena, a matéria analisada potencializa os recursos do jornalismo “de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais” (PENA, 2013, p. 14).

Um dos pontos que são mantidos do jornalismo tradicional, é o tamanho da matéria: ela é sucinta e, embora escrita com traços de subjetividade, encontra no seu corpo uma objetividade típica e já esperada do espaço em questão. Ao encontrarmos as falas do personagem principal, supomos que o repórter esteve presente na rotina do entrevistado, apurando informações e detalhes que pudessem compor sua matéria. Além disso, podemos perceber que houve o uso das técnicas de entrevista, a partir do momento que encontramos as histórias na voz do próprio artesão com ares de despojamento – o que viria a caracterizar o uso adequando das técnicas apre(e)ndidas do jornalismo tradicional. Vejamos:

“O Menino da Tarde foi inventado em 1974, quando recolheram a Mulher do Dia para consertar suas avarias. Ela estava com a barriga empenada. Daí se pensou: Está grávida! Vai ter um filho do Homem da Meia Noite!”, conta, aos risos, Botelho, enquanto dá retoques numa de suas mais recentes criaturas.²¹

²¹ ALMEIDA, Verônica. p. 6. Cidades. 2014.

A partir disto, concluímos que as táticas tradicionais não foram descartadas, mas aprimoradas. O uso diferenciado delas dá vida e cor a um texto que pede exatamente esses elementos para que consiga ganhar vida no jornal.

2. Ultrapassa os limites do cotidiano. A matéria analisada não é limitada ao tempo de fechamento do jornal, pois ela poderia ser publicada a qualquer momento; “nem se preocupa com a novidade, ou seja, com o desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo mais imediato possível” (PENA, 2013, p. 14). Esta característica é identificada na maneira como foram expostas as informações: em forma de história contada – com fatos e datas que se cruzam – com as falas e a vida do personagem principal, etc.

O jornal deixa de ser o espaço exclusivo para notícias corridas e abre suas portas (e páginas) para o que é vida/realidade. Ao lermos: “TRADIÇÃO – Sílvia Botelho conta como é a brincadeira de fazer bonecos, fruto da arte, fantasia e do bom humor olindense”²² – ainda no sutiã²³ da matéria – não conseguimos pré-visualizar uma leitura com tempo determinado. Ela é literária por suas linhas e entrelinhas e, para além delas, pelos desdobramentos que surgem a partir de sua leitura; ultrapassando, assim, o limites (impostos) pelo cotidiano.

3. Proporciona uma visão ampla da sociedade. A terceira ponta da estrela que guia nossa análise, nos diz que:

Qualquer abordagem, de qualquer assunto, nunca passará de um recorte, uma interpretação, por mais completa que seja. A preocupação do Jornalismo Literário, então, é contextualizar a informação da forma mais abrangente possível – o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. (PENA, 2013, p. 14).

Isto nos leva a encontrar em nossa matéria aspectos que exemplificam este conceito, uma vez que é feito um recorte do contexto de criação dos bonecos gigantes – que tanto marcam o carnaval do Recife. Conhecemos uma história e a partir dela podemos buscar outros recortes, em outros espaços. Porém, foram abertas, no periódico em questão, as portas para este universo:

Botelho coleciona tipos que “*encarnam*” gente comum ou inventada. Uma delas, a Omelhada, nasceu inspirada na empregada de uma vizinha que não dominava o português culto. “*Ela vivia dizendo ‘Tá me omelhando?’*, daí criamos o nome.” E assim vieram ao mundo a Despeitada (“*um travesti montado*”), a Fofoqueira, o Furão, o

²² ALMEIDA, Verônica. p. 6. Cidades. 2014.

²³ No jornalismo, o termo sutiã refere-se a uma pequena linha de texto usada sobre ou logo abaixo do título para destacar informações da matéria.

Devasso, a Bandida, o Virgem, a Maroca...Este ano, por exemplo, entrou para a família o Boneco Rosado, um metrosexual que adora vestir cor de rosa. “A ideia surgiu inspirada no funcionário de um amigo nosso que adora camisa dessa cor”, conta.²⁴

- 4. Exercita a cidadania.** O espírito cidadão que Pena (2013, p.14) traz é aquele que pensa em como a “abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” e ainda fala no “espírito público”. É a este segundo ponto que nos apegamos para falar da matéria em questão. O texto parte de uma questão coletiva (o carnaval e os bonecos gigantes) para a individual (a vida e a voz de quem dá luz a esses bonecos):

Homenageado neste domingo no desfile das Virgens do Bairro Novo, o artesão nascido no Amaro Branco vive desta arte todos os dias e não abre mão de fazer graça. “É a essência do Carnaval do povo” (ALMEIDA, 2014).

Fica claro, neste momento, o tato e delicadeza do jornalista ao nos trazer uma história que interessa a todos que venham a conhecer o trabalho do artesão ou até mesmo o evento no qual sua arte desfila. A matéria não se dirige, pois, a um número limitado de leitores, mas à sociedade como um todo.

- 5. Rompe com as correntes do lead.** “Enquanto houver Carnaval espontâneo e alegria, novas histórias vão surgir”²⁵. A matéria analisada não nos traz as datas específicas dos desfiles onde serão expostos os bonecos gigantes dos quais ela fala – exceto de um deles. Tampouco nos traz um acontecimento específico ou um fato. Ela narra uma história e isto a afasta, naturalmente, da objetividade/obrigatoriedade do lead. Foi encontrado, dentro do jornal analisado, um espaço que abrisse mão do que impõem os manuais de redação e diante disso o que se encontra é uma história leve e não menos importante para o leitor.
- 6. Evita os definidores primários.** Em “Para cada gigante, uma história”, nós encontramos, mais uma vez, a voz do cidadão comum. O jornalista nos traz vestígios de uma entrevista feita “olho-no-olho” – no ambiente de trabalho do entrevistado:

“O Menino da Tarde foi inventado em 1974, quando recolheram a Mulher do Dia para consertar suas avarias. Ela estava com a barriga empenada. Daí se pensou: Está grávida! Vai ter um filho do Homem da Meia Noite!”, conta, aos risos, Botelho, enquanto dá retoques numa de suas mais recentes criaturas.²⁶

²⁴ ALMEIDA, Verônica. p. 6. Cidades. 2014.

²⁵ ALMEIDA, Verônica. p. 6. Cidades. 2014.

²⁶ ALMEIDA, Verônica. p. 6. Cidades. 2014.

Para conseguir a fala de tal personagem, o repórter saiu do espaço da redação do jornal e foi até o seu entrevistado. Ou seja, conheceu de perto sua realidade e vivenciou sua experiência. O seu dia-a-dia. Confirmando, assim, o que nos diz Eliane Brum:

“Olhar significa sentir o cheiro, tocar as diferentes texturas, perceber os gestos, as hesitações, os detalhes, apreender as outras expressões do que somos. Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido” (BRUM, 2006, p. 191).

7. A matéria é perene. Para realizar o processo de análise do material selecionado, fizemos várias leituras dos textos. Estas foram feitas, em sua maioria, meses depois da data de cada publicação. Diante disso, percebe-se, já num primeiro momento, a perenidade dos textos – seja pelo conteúdo, seja pela forma como são escritos.

O texto em questão trata de um assunto comum (bonecos gigantes que ganham vida durante o carnaval) para o período no qual foi publicado (o mês de fevereiro: mês do carnaval), porém o traz de tal maneira que o faz permanecer: contando uma história/experiência que existe há anos a partir do olhar e da voz de quem dá vida a esses (tão famosos) bonecos: “O mestre Sílvio Botelho, 56 anos, que desde adolescente assumiu esta função meio divina, meio profana”²⁷.

Diante disso, ressaltamos que uma boa reportagem permanece por gerações “influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos” (PENA, 2013, p. 15).

A segunda análise feita nos leva a compreender que o universo do Jornalismo Literário é vasto e repleto de possibilidades – de temas, de recursos e/ou de interpretações da realidade. Encontramos uma história (a do artesão e seus bonecos gigantes) que é contada segundo a ótica da jornalista que realizou todo o trabalho para a construção da matéria. Diante do que foi lido, cabe-nos atentar, ainda, para o fato de que um ponto marcante à nossa discussão é que as características que nos norteiam estão diluídas (quase) todas homogeneamente dentro do próprio texto. Não há uma separação metodológica (por parte da repórter), embora haja, dos pontos que levam a matéria a ser vista como sendo literária. O texto é sutil, por isso preciso atentar às nuances e detalhes. Isto é imprescindível no processo de análise que adotamos e se

²⁷ ALMEIDA, Verônica. p. 6. Cidades. 2014.

faz importante para que possamos compreender cada análise – cada qual com suas particularidades.

Análise III

O *Caderno Especial 11* do dia 11 de setembro de 2011, narra a trajetória de 11²⁸ nordestinos que não se conhecem, mas carregam consigo marcas parecidas de um dia que mudou o mundo e entrou para a história. A reportagem é toda voltada para os 10 anos do atentado do *11 de Setembro*. Wagner Sarmiento traz imagens, dados estatísticos, entrevistas com autoridades e uma linha do tempo com um resumo dos principais acontecimentos que se sucederam após a eclosão do fato principal.

Contudo, o repórter vai além. Ele busca – e consegue – retirar de baixo dos escombros histórias de vidas que existiam antes do acontecimento e precisou continuar existindo apesar de. A fala de quem vivenciou o fato dá cor a uma situação que há dez anos estava cinza. Ela tem a capacidade de puxar o passado pela memória e permite ao leitor uma participação (in)direta nessa reconstrução.

O texto vai além do tradicional e consegue definir cada ponta da Estrela de Felipe Pena. Vejamos na análise que se segue:

- 1. Potencializa os recursos do Jornalismo.** Ao resgatar o sentimento de quem esteve na tragédia, o autor estaria não apenas potencializando os recursos do jornalismo, mas também garantindo profundidade aos relatos, sendo estes aspectos duas características do jornalismo literário (PENA, 2013, p.13). Destacamos abaixo alguns trechos que ilustram bem a presença deste sentimento:

“Quando me dei conta, comecei a chorar. Pensei que o mundo ia acabar, que ia começar a Terceira Guerra Mundial. Aeronaves não paravam de sobrevoar os céus de Manhattan. Era um cenário de guerra. Nunca vi nada igual. Achei que morreria também, não sabia como tinha ficado viva. Eu estava trêmula. Gente que eu nunca tinha visto começou a me abraçar, chorando”, desabafa, ofegante.²⁹

“Não acreditava que aquilo estava acontecendo. Nossa vida parecia que tinha virado de cabeça para baixo. Foi triste”, lamenta.³⁰

“Minha patroa achou melhor eu ficar lá, mas eu estava inquieta. Vi gente pulando, gente sendo atropelada. É triste lembrar, mas faz parte da minha

²⁸ O uso do repetitivo do *11* é caracterizado pelo uso da *aliteração* – uma *figura de som* e de linguagem própria da literatura, que consiste na repetição de sons idênticos como recurso para intensificação do ritmo ou como efeito sonoro significativo.

²⁹ SARMENTO, Wagner. p. 2. Caderno especial 11. 2011.

³⁰ SARMENTO, Wagner. p. 5. Caderno especial 11. 2011.

vida”, diz. Erli andou por cinco horas, de Manhattan ao Queens, carregando uma menina no ventre. Corria por duas. Sofria dobrado.³¹

O pernambucano perdia noites de sono com frio. A violência era vizinha. O medo acuava. Mas ele se orgulha: nunca passou fome. “Vivi gritando em ouvido de surdo e beliscando casco de tartaruga. Mas fome eu jamais passei”, gaba-se.³²

Para além da emoção e do envolvimento estabelecido entre o leitor e o texto, o jornalista, com um olhar diferenciado, conseguiu potencializar os recursos do jornalismo ao fazer de uma pauta fria – que já foi tratada várias vezes, desde o acontecimento do *11 de Setembro* – um material que ainda desperta e prende a atenção de quem o lê. Nesta reportagem, fica claro como os recursos da literatura podem ser empregados ao jornalismo de forma a deixá-lo mais atraente, não retirando a característica de relatar acontecimentos reais.

2. Ultrapassa os limites do cotidiano. Apesar do tema central da reportagem em questão não ser uma novidade, tampouco uma atualidade, visto que o fato ocorreu há dez anos e tem sido pauta para vários textos; sempre haverá espaço para que seja lançado um novo olhar sob ele. Ora, quantas pessoas foram envolvidas? Quantas perdas? Quantas mudanças no mundo inteiro? Quantas vozes a serem ouvidas? As possibilidades são inúmeras e ousamos considerá-las quase inesgotáveis. A pauta pode ser fria no tocante ao momento do acontecimento, porém este fato entrou para a História, o que significa dizer que dificilmente ele irá morrer. Cabe, pois, ao jornalista nos apresentar uma nova perspectiva para o mesmo fato. Este ponto é, sem dúvida, o que garante que a matéria ultrapasse os limites de atualidade e periodicidade.

3. Proporciona uma visão ampla da sociedade. Segundo Pena (2013, p. 14), o Jornalismo Literário se preocupa com a contextualização do fato da forma mais abrangente possível. Para o autor, é preciso que se “mastigue as informações”, relacione-as com outros acontecimentos, compare-as com diferentes abordagens e, mais uma vez, localize-as em um espaço temporal de longa duração.

Este ponto está bem definido no decorrer das 24 páginas que compõem a reportagem analisada. Paralelo ao texto principal, encontramos um percurso histórico – uma espécie de linha do tempo – que vai desde o dia do acontecimento até o ano em que a

³¹ SARMENTO, Wagner. p. 16. Caderno especial 11. 2011.

³² SARMENTO, Wagner. p. 23. Caderno especial 11. 2011.

matéria foi publicada. Além disso, leem-se informações sobre a reconstrução (física e histórica) do local; detalhes do sistema de segurança adotado pós-ataques; dados que apontam as consequências que o país sofreu; problemas ocasionados aos imigrantes ilegais.

Além de proporcionar uma visão ampla da sociedade, Wagner apresenta essa “visão” através de imagens que materializam graficamente a dimensão de tais acontecimentos para a(s) sociedade(s). É importante perceber que o tipo de ilustração utilizada pelo jornalista foge ao que estamos “acostumados” a perceber no jornal tradicional.

4. Exercita a cidadania. A matéria analisada, por si só, é um ato de cidadania: “o Jornal do Commercio fez a ponte aérea de 6.745 quilômetros entre o Recife e Nova Iorque, rodou por outras cinco cidades dos EUA e descobriu histórias dentro da história”³³. Ela aproxima o leitor dos relatos de 11 pessoas que viveram/vivem uma realidade semelhante à de uma enorme parcela da população, pois “havia em torno de 17 mil pessoas no local na hora dos ataques de 11 de setembro de 2001. Entre as vítimas, cidadãos de mais de 90 países. O mundo estava ali”³⁴. A solidariedade e o “espírito público”, aqui, estão diluídos nas linhas e entrelinhas do texto e, muito antes deste primeiro existir, do fato.

Outro trecho do texto que nos remete à ideia de cidadania e nos leva a um tema paralelo ao fato é o que diz que “o imigrante em situação irregular é ilegal para o governo americano, mas para nós ele é um cidadão brasileiro como outro qualquer”³⁵. Encontra-se, a todo instante, uma preocupação em aproximar o texto ao cidadão comum.

5. Rompe com as correntes do lead. Ao começar a matéria, é perceptível que não há dados sobre o atentado. Não há informações textuais específicas sobre o ocorrido, mas as fotos que estão espalhadas ao longo da reportagem permitiram mostrar ao leitor a grandeza da tragédia. Para tratar do lead, mais vale trazê-lo para ilustrar o seu rompimento com as correntes do tradicional:

Não é só um número. Há uma década, o 11 ganhou significado. É o dia que mudou o mundo. Longe dos livros didáticos e dos gabinetes que decidem a história, 11 trajetórias cruzaram-se com o 11 de setembro de 2001. 11

³³ SARMENTO, Wagner. p. 1. Caderno especial 11. 2011

³⁴ SARMENTO, Wagner. p. 3. Caderno especial 11. 2011

³⁵ SARMENTO, Wagner. p. 6. Caderno especial 11. 2011

retirantes nordestinos que acordaram do sonho americano para a realidade. Consuelo estava no World Trade Center e viveu o drama de dentro. Clélia viu três pacientes vítimas dos atentados se suicidarem em pleno tratamento. Fátima perdeu o emprego após o turismo cair a zero. Rosinete é mais uma imigrante ilegal cansada de se esconder. O negro Francisco venceu o preconceito. O Jornal do Commercio fez a ponte aérea de 6.745 quilômetros entre o Recife e Nova Iorque, rodou por outras cinco cidades dos EUA e descobriu histórias dentro da história. O Nordeste que sentiu na pele o 11 de Setembro reconta, neste caderno especial, os dez anos do principal fato histórico deste início de milênio.³⁶

Aqui o jornalista não se deteve a dar todas as respostas que o lead nos pede. Ele optou por prender o leitor desde as primeiras linhas do seu texto. Segundo ele,

O principal desafio, que às vezes demanda mais tempo, é encontrar o lide ideal. É o início do texto que sentencia o leitor a embarcar pelo restante da reportagem. É o convite, a intimação, o flerte. Às vezes, saio da pauta já com o lide na cabeça, borbulhando. Às vezes, preciso matutar um pouco mais.³⁷

Wagner nos dá o resumo do muito que nos espera e, conseqüentemente, nos prende, pois faz uso da “criatividade, elegância e estilo” (PENA, 2013) – características das quais Felipe Pena sente falta nos textos que seguem à risca a fórmula de objetividade imposta pelos manuais de redação. Acredita-se que “é preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa” (PENA, 2013, p. 15).

6. Evita os definidores primários. Como já foi dito em outros momentos do presente trabalho, o Jornalismo Literário busca ouvir mais a voz do cidadão comum e menos a dos “entrevistados de plantão”. Isto se dá pela necessidade de romper com os limites impostos pela redação – de tempo e espaço – e “criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados” (PENA, 2013, p.15).

Na matéria de Wagner Sarmiento, assim como nos trechos abaixo dela retirados, encontramos a história e a voz dessas vozes anônimas:

Fátima não quis ir ao WTC. Ficou assustada, deprimida, incrédula com o que se passava diante de seus olhos. Na Washington Square, lembra ela, familiares de possíveis vítimas colavam fotos de desaparecidos. Havia um coro de lágrimas nas ruas. A esperança apenas sussurrava. Via-se, pela primeira vez, a superpotência impotente, subjugada, refém. “O cenário era de tristeza. O americano não é de pedir ajuda, coisa cultural, se acham os maiores, mas naquele dia todo mundo estava desesperado, pedindo socorro”, recorda.³⁸

³⁶ SARMENTO, Wagner. p. 1. Caderno especial 11. 2011

³⁷ Entrevista concedida a autora em 23/06/2014.

³⁸ SARMENTO, Wagner. p. 5. Caderno especial 11. 2011

[...]

Rosinete dormia às 8h46 de 11 de setembro de 2001. Acordou para a vida. “Uma amiga do trabalho me telefonou e me mandou ligar a TV. Comecei a escrever o que via. Quando menos esperava, o segundo avião atravessou o World Trade Center. Não existe palavra no dicionário para descrever o que senti naquele momento. As Torres Gêmeas eram algo muito grandioso, um símbolo dos EUA. Na hora, pensei que aqui as coisas acontecem mesmo”, registra. “Foi uma semana de loucura. Ninguém sabia o que fazer. Juntou poeira no céu da cidade. Newark ficou cinza”, completa.³⁹

[...]

Quando deixou o Brasil, o País ainda vivia mergulhado na ditadura militar. Enfrentava a censura, a repressão, a restrição às liberdades individuais. Mais do que isso, Maria Lúcia precisava encarar o moralismo social, aquele que não é institucionalizado, mas que se lê nos olhos. A pernambucana diz que sempre foi uma mulher à frente do seu tempo. Pernambuco ficou pequeno, careta demais. A vida era em preto e branco. Ela precisava de Nova Iorque, das luzes e cores.⁴⁰

É bem verdade que não há apenas a voz do cidadão comum ou do “anônimo” na matéria. No decorrer da leitura, encontramos vozes oficiais, tais como: um especialista em segurança, o prefeito de Nova Iorque, o vice-cônsul do Brasil em Nova Iorque, a autoridade da Portuária de Nova Iorque e Nova Jérsei, etc. Isto nos permite dizer/esclarecer que tais fontes serão, como em todo e qualquer texto que tenha compromisso em informar com responsabilidade, de extrema importância, pois é com elas que o jornalista pode conseguir dados e informações concretas diminuindo, assim, o risco de cometer equívocos. Essas fontes não perdem sua importância para o Jornalismo Literário, mas deixam de ser a única opção – a mais conveniente e acessível. O jornalista, aqui, é forçado a sair da zona de conforto da sala de redação e ir às ruas.

Em suma, conclui-se que fontes nunca serão demais. Seja ela primária (e oficial) ou anônima (do cidadão). O que se espera para o Jornalismo Literário é um conjunto de textos cada vez mais completos e profundos – logo, não superficiais.

- 7. A matéria é perene.** Um texto com tantas vozes, dados, tanta história e tamanha profundidade; dificilmente cairá no esquecimento. Ele é imortalizado desde o momento de seu nascimento. A matéria deixa de ser apenas um produto jornalístico e ganha vida própria; ela não é efêmera ou superficial. Neste texto, mais do que nos

³⁹ SARMENTO, Wagner. p. 7. Caderno especial 11. 2011

⁴⁰ SARMENTO, Wagner. p. 8. Caderno especial 11. 2011

demais aqui trazidos, a perenidade é algo inerente ao fato por ele ser histórico. Seja daqui a dez, vinte ou trinta anos; ele ainda estará vivo em muitas memórias.

Diante da reportagem e da sua escrita, percebemos o envolvimento do jornalista com os personagens principais do seu texto. Seja de forma indireta, demonstrando implicitamente certa relação com cada um; seja diretamente, como é no caso de dona Maria Lúcia. Vejamos:

Estava desempregada no momento da entrevista, em 31 de maio. Era garçonne de um restaurante que foi vendido a outro grupo. Ganhava US\$ 1.000 por semana, mais gorjeta. Menos de uma semana depois, Maria Lúcia **nos telefonou para informar que havia encontrado trabalho.**⁴¹

Ele une histórias distintas e consegue nos manter atentos a todas elas. Acreditamos que o Jornalismo Literário, para além da Estrela que guia nossas análises, está representado nesses detalhes textuais. É um conjunto de encontros: do jornalista com suas fontes/ do leitor com o jornalista/ das fontes com o leitor e de cada um desses consigo. Há um envolvimento inerente a quem escreve – como afirma Wagner Sarmiento: “*é algo natural, que faz parte do DNA do meu texto*” – pois são utilizados artifícios que ultrapassam as barreiras do planejado e estudado antes do efetivo exercício da profissão de jornalista. Vejamos:

Uma mulher de cabelos grisalhos e blusa preta, ante um calor de quase 40 graus, gesticulava e palestrava para o grupo, cerca de 50 pessoas. Levava uma palavra de fé e consolo à massa sem rumo. **Nos aproximamos invocados pela curiosidade. A coincidência assustou.** A mulher que liderava a entrega de doativos era a pastora Dayse Salema, 51 anos, natural de Jabotão dos Guararapes. Uma história nordestina descoberta por acaso. Ou por destino, como ela prefere dizer.⁴²

Apesar de a terceira análise feita ser de uma reportagem publicada em data anterior (2011) das demais (2014), optamos por colocá-la como sendo a última. Isto se justifica pelo fato dela ser, dentro do nosso campo de estudo, a que possibilita uma maior identificação, e mais clara, da Estrela de Sete Pontas e, para além desta, de todas as características do Jornalismo Literário. A ideia foi mostrar o processo gradual da análise e permitir que o leitor fosse se familiarizando com o processo para que, nesta última, ele próprio pudesse analisar

⁴¹ SARMENTO, Wagner. p. 8. Caderno especial 11. 2011. (grifos nossos)

⁴² SARMENTO, Wagner. p. 10. Caderno especial 11. 2011. (grifos nossos)

conosco. Ora, não há como discutir o Jornalismo Literário sem levar em consideração, a todo instante, quem nos lê.

Embora tenha vindo dentro de um *caderno especial*, a reportagem sobre o *11 de Setembro* foi publicada num jornal cotidiano impresso e só confirma a hipótese de que o Jornalismo Tradicional tem espaço (sim!) para matérias extensas, conteúdos densos, histórias de vida e suas subjetividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de definição de um objeto de estudo é longo e, muitas vezes, árduo. Porém, quando encontrado, inicia-se uma relação (quase) de amor com o que estudamos. Como em todo relacionamento sério, há momentos de paixão árdua, de simbiose e de convivência incessante. Há, contudo, aquela hora que precisamos ficar um pouco sós. Cada qual no seu canto, porque o excesso pode nos deixar sufocados. Talvez, numa terapia de casal, um psicólogo nos aconselhasse a dar um tempo. Que seja feita a vossa vontade, pois. “*Entre tapas e beijos*” a relação, se criar bases sólidas, passará por todas essas etapas e alcançará seu objetivo com êxito.

Amores raros nos são bem caros. Essa é a sensação de quem estuda um objeto ainda pouco discutido no âmbito acadêmico. No nosso caso, a pouca notoriedade do campo de pesquisa não se dá pela falta de qualidade e/ou possibilidade de crescimento do tema, mas talvez pela falta de abertura dos próprios veículos de comunicação para este tipo de *fazer jornalístico*. Além disso, há uma preocupação, da maior parte dos cursos de graduação em Jornalismo, em formar profissionais para atender às demandas do mercado de trabalho, em detrimento de difundir outras vertentes que o campo admite.

Em outras palavras, estudar o Jornalismo Literário foi enriquecedor, uma vez que nos permitiu aprofundar o nosso conhecimento em algo que está além da superfície do jornalismo tradicional. Este tipo de jornalismo seduz por trabalhar com um conteúdo que nos aproxima a todo instante do nosso lado mais humano e subjetivo, ainda que trate de fatos rudes e de tempo corrido. Ele é responsável por romper com as barreiras da objetividade que nos são impostas e com aquelas que nos impomos, ultrapassando os limites do cotidiano. É preciso sair às ruas, pesquisar, ler, conversar, discutir e, claro, ouvir atentamente tudo que nos é dito.

É nessa perspectiva que na matéria “*O flagelo nosso de cada ano*”, de Wagner Sarmiento, pudemos perceber características bem definidas do Jornalismo Literário. As pontas da estrela de Felipe Pena estão diluídas num texto que aproxima o leitor aos personagens principais e, mais do que isso, à realidade precária em que vive uma grande parcela da população recifense. Ao ler o que Paulo – um dos viciados em crack aos quais a matéria se refere – fala sobre perceber que todo mundo tem medo deles e que ele se sente envergonhado, triste e humilhado; ficamos, instintivamente, comovidos com a situação e somos capazes de esquecer que muitos de nós sentimos esse medo, cortamos o caminho, damos meia volta ou seguramos a bolsa mais forte; como ele próprio comenta. Isto não nos torna hipócritas, mas

desperta no leitor (cidadão tanto quanto Paulo e Francisco) sentimentos que muitas vezes se encontram adormecidos.

A matéria citada reforça e aprimora o que é visto no jornalismo convencional. Há uma investigação do fato principal, a busca do contato com fontes primárias – ao entrevistar, por exemplo, o gerente de Política Municipal sobre Drogas – e uma responsabilidade com a qualidade da informação. Mas há também um olhar atento ao que está fora do momento presente do texto. Isto se dá na segunda página da reportagem quando nos deparamos com um fato que ocorreu paralelamente: a agressão contra uma moradora de rua acusada de furto. Isto só confirma que a função e missão do repórter não se encerram com o fechamento de sua pauta; ao contrário disso, ele está sempre disposto a *ultrapassar os limites do cotidiano*.

A reportagem de Wagner Sarmiento está no caderno *idades* e, embora faça parte de um periódico onde o jornalismo que predomina é o convencional, ela pode ser denominada como Jornalismo Literário. A bem da verdade é que o texto não é completamente literário, mas ele tem os traços necessários para cumprir o objetivo de informar com leveza, conquistar o leitor e fazê-lo sair, ao menos, com algum nível de incômodo. A matéria se valida enquanto literária por atizar a subjetividade e diminuir a possibilidade de indiferença diante da realidade narrada.

A segunda matéria analisada traz um texto da jornalista Verônica Almeida, que também foi retirado do caderno *idades*. Dentre as três análises realizadas, “*Para cada gigante, histórias e risadas*” foi a mais sutil do ponto de vista das características; porém não menos importante para o processo de estudo. Apresentado à história de um conjunto de bonecos, o leitor é convidado a adentrar em uma história leve e sem grandes pretensões. Aqui não há fatos específicos, mas informações. Seja pela saga contada (e vivenciada) por Sílvio Botelho – o criador dos famosos Bonecos Gigantes que desfilam no carnaval do Recife – seja pela aula de história que é “dada” como texto paralelo ou pela programação de desfiles que estão no canto da página.

Neste caso, os traços literários e as pontas da Estrela estão no tema principal, na narração de cada história e na cor vibrante do carnaval. O envolvimento do leitor se dá a partir do amor que as falas de Sílvio exalam. O criador fala de suas criaturas e a nós cabe a simples missão de querer conhecê-los.

A nossa terceira análise é a que melhor representa a Estrela de Sete Pontas. De forma objetiva, seja do ponto de vista textual, pelos recursos imagéticos utilizados ou pela disposição das informações. E de forma subjetiva com a narração de 11 histórias da vida real,

a intimidade que nasce dos depoimentos de cada personagem, a identificação com os sonhos a serem realizados por quem busca uma vida melhor *lá fora* ou com a recuperação da memória ao serem resgatados momentos dolorosos de um atentado que abalou o mundo: o *11 de setembro*.

A reportagem analisada ocupa 24 páginas de um veículo que tem 95 anos de história dentro do jornalismo tradicional. Para além da questão histórica que torna o ataque às torres gêmeas um assunto perene por si só, o trabalho de apuração e envolvimento realizado pelo jornalista não tem data nem hora para acabar. Foi dado um espaço incomum para o seu texto e ele o preenche com todos os recursos que lhes são disponibilizados pelo jornalismo. Há um apuramento rigoroso, o contato com fontes diversas, um estudo prévio e detalhado do fato.

O *Caderno Especial 11* ultrapassa os limites do cotidiano, navega por águas passadas, chora o leite derramado e ouve as aspirações de seus personagens principais. O *lead* está implícito e o leitor é capaz de criá-lo a partir de tudo o que já foi falado sobre o assunto. Isto deixa de ser prioridade a partir do momento que a periodicidade e atualidade se tornam figurantes nessa história. A cidadania está no despertar da solidariedade de quem escreve e de quem lê. As pessoas de carne e osso são as que ganham a voz – pelo menos no palco principal desta enorme peça da vida real.

O Jornalismo Literário está presente em cada leitura realizada. Seja em maior ou em menor grau, a sua influência é percebida na construção de cada matéria analisada. Há o olhar do repórter, a história da pessoa comum e um emaranhado de subjetividades.

Embora a maioria dos textos com tais características tenham sido encontrados apenas nas edições de domingo do Jornal do Commercio, houve o despertar da nossa crença e uma enorme satisfação em encontrá-los. É importante (re)afirmar que a possibilidade existe e que ela é real. O Jornalismo Literário não deve ser visto como uma prática utópica, mas como uma fuga dos manuais de redação que nos impõem um tipo limitado de jornalismo.

Assim, diante das pesquisas bibliográficas, do estudo realizado e das análises das reportagens do Jornal do Commercio – baseado no conceito da Estrela de Sete Pontas de Felipe Pena – foi possível identificar e reconhecer características que validam a possibilidade de trabalhar com o Jornalismo Literário dentro do jornal tradicional impresso.

O leitor não deve ser limitado a mero consumidor passivo. Ele pode e deve ter opções de escolha. O cardápio pode ser muito mais variado do que nós imaginamos. Basta levantarmos da nossa cadeira e atravessarmos a rua. As possibilidades são infinitas e cabe a cada um dar a elas o tom que lhe apetecer.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Verônica. Para cada gigante, histórias e risadas. *Jornal do Commercio de Pernambuco*, Cidades, p. 6, 23 de fev. 2014.
- BOAS, Sérgio Vilas (org). *Jornalistas Literários: Narrativas da vida real por novos autores brasileiros*. São Paulo: Ed.Summus, 2007.
- BRUM, Eliane. *A vida que ninguém vê*. Porto Alegre: Ed.Arquipélago Editorial, 2006.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes. 1996.
- LAKATOS, E. M. e MARCONI, M de A. *Metodologia científica*. 4. ed.. São Paulo: Atlas, 2001.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *O capital da notícia: jornalismo como produção social da segunda natureza*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LIMA, Edvaldo Pereira, 1951 – *Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.
- LIMA, Edvaldo Pereira: Disponível em: <http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/conceitos> - acesso em 04/07/2014 às 14h43.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Jornalismo literário: o legado de ontem*. Secretaria Especial de Comunicação Social do Rio de Janeiro. Publicado na coleção Cadernos de Comunicação. Disponível em <http://www.riorj.gov.br>. Acesso em 12/03/2005.
- NECCHI, Vitor. *A(im)pertinência da denominação 'jornalismo literário'*. Santos: Intercom, 2007.
- NICOLATO, Roberto. *Jornalismo e literatura: aproximações e fronteiras*. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br>>. Acesso em: 12 abr. 2007.
- PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2013.
- SARMENTO, Wagner. Caderno Especial 11. *Commercio de Pernambuco*, Caderno especial, p. 1-24, 11 de set. de 2011.
- _____. O flagelo nosso de cada dia. *Jornal do Commercio de Pernambuco*, Cidades, p. 2-3, 5 de jan. 2014.
- SIMÃO, João. *Manual de Jornalismo Impresso – O informativo*. Disponível em: <http://comunicamos.files.wordpress.com/2007/09/press-manual.pdf>. 2007.
- WOLFE, Tom. *Radical chique e o Novo Jornalismo*. Trad. de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ENTREVISTA COM ELIANE BRUM, DISPONÍVEL EM http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed737_o_bom_jornalismo_se_aplica_a_tudo_o_que_e_da_vida. Acesso em 07/06/2014

ANEXOS

ENTREVISTA WAGNER SARMENTO – JUNHO DE 2014-07-16

Camilla Melo: Utilizando o gancho deixado pela minha introdução, lhe pergunto: há a intenção, de sua parte, em fazer um jornalismo diferenciado e voltado para uma escrita mais leve? E por parte da empresa pela qual você trabalha?

Sarmento: Esse tipo de escrita é algo que procuro sempre - mas, mais do que isso, é algo natural, que faz parte do DNA do meu texto. Acredito que não existe pauta banal. Tudo depende do tratamento que lhe é dado. A atuação do repórter sobre essa pauta pode empobrecer ou dar uma guinada no assunto. É lógico que não é sempre que você vai lançar mão desse artifício, mas, sempre que possível, busco contar aquela história de uma maneira diferenciada, única, de forma que ela prenda e instigue a atenção do leitor e de forma que eu esteja carimbado naquele texto para além de minha assinatura na matéria. Qualquer jornal sempre há de dar espaço a um bom texto. Escrever é envolver, conquistar.

Camilla Melo: Você acha que é possível implantar o jornalismo literário (ou os traços dele) dentro do jornal convencional/cotidiano?

Sarmento: Não só é possível como é necessário. Principalmente diante da nova configuração do jornal impresso. Com a internet pipocando de notícias em tempo real, o impresso precisa se reinventar - e isso passa obrigatoriamente por um texto mais atraente, menos trivial, mais profundo. O que é veiculado no jornal precisa ser menos descartável, menos factual e, por isso, o jornalismo literário, a reportagem com cara de crônica, ganha espaço.

Camilla Melo: O que você acha dessa fala da jornalista Eliane Brum: "É pela escuta que alcançamos o mundo que é o outro. E eu sou fascinada pela vida dos outros. O que escuto também ilumina partes escuras de mim mesma. Embora eu escreva sobre vários assuntos, e quando escrevo sobre algum assunto estudo muito para me autorizar a abordá-lo, acho que o que eu entendo mesmo é de gente. Pode ser uma pretensão absurda dizer isso, mas acho que a escuta de gente me ensinou a conhecer gente. Nesses 25 anos de reportagem me aprimorei especialmente em escutar silêncios, expressões e entrelinhas. Mas o que busco, a grande pergunta que move a minha escuta, é compreender como cada um inventa uma vida. Com tão pouco, tão nu! Acho essa capacidade humana, a de fazer da própria vida uma ficção, de uma beleza tão pungente, que quando falo nisso me dá vontade de chorar"?

Sarmiento: É uma fala que diz sobre muitas coisas. Primeiro, que para o jornalista é essencial saber ouvir, gostar de ouvir, querer mergulhar no universo dos outros. É ter a consciência de que cada pessoa é dona de uma história que, por mais banal que pareça a um primeiro olhar, é decerto cheia de meandros, de segredos, de interrogações, de dramas, de alegrias, de detalhes a serem descobertos. E a apuração não está somente nas palavras ditas, mas também nas não ditas, nos silêncios, nos gestos, nas expressões. Longe de entender de gente como Eliane Brum, procuro fazer essa imersão, nos assuntos e nas pessoas. E é preciso nunca perder a capacidade de se emocionar, de se indignar, de se envolver de alguma maneira. Por mais que os manuais do jornalismo peçam distanciamento e isenção, nosso texto sempre trará nossas impressões, um pouco de nossa alma. É aí onde mora a subjetividade. A imparcialidade é um mito.

Camilla Melo: Para você, qual o pior erro que alguém (repórter, editor...) pode cometer no exercício do jornalismo, em especial quando contamos histórias de pessoas?

Sarmiento: A pergunta é ampla e difícil, mas, já que estamos tratando de histórias, acredito que um grave erro seja a falta de respeito com o personagem, o entrevistado. Independentemente de estarmos tratando de um monge ou de um criminoso, de uma criança ou de idoso, de uma prostituta ou de um médico, devemos pautar nossa escrita pelo respeito. Não escrevemos pra julgar nem crucificar ninguém. Não cabe a nós. As pessoas cujas histórias são contadas em situações adversas talvez carreguem dramas e tragédias. As palavras têm poder e é preciso que tenhamos responsabilidade ao usá-las. Neste sentido, uma boa apuração é fundamental.

Camilla Melo: Lendo algumas de suas reportagens, pude sentir que você busca o contato direto com os "personagens" da realidade. Estou certa? De que forma se dá este processo?

Sarmiento: O jornalismo é o contato direto. Às vezes, saio para a rua com uma pauta e, no meio do caminho, descubro outra. O jornalista precisa da rua como o pássaro precisa do céu e o peixe do mar. É na rua que estão as pessoas, as grandes histórias. É lá que brota esse contato direto.

Camilla Melo: A matéria do jornalismo literário requer mais tempo que o jornalismo tradicional dispõe. Como você lida com isto? Há alguma imposição de tempo?

Sarmento: No meu caso, nem tanto. Como falei antes, essa minha forma de escrever é natural; então, apesar de mais trabalhada e rebuscada, ela flui sem maiores entraves. Eu escrevo assim, seja uma matéria de capa de jornal ou uma crônica que posto em meu Facebook. Gosto muito de poesia, também escrevo de vez em quando e isso também contribui para dar essa leveza no texto. O principal desafio, que às vezes demanda mais tempo, é encontrar o lide ideal. É o início do texto que sentencia o leitor a embarcar pelo restante da reportagem. É o convite, a intimação, o flerte. Às vezes, saio da pauta já com o lide na cabeça, borbulhando. Às vezes, preciso matutar um pouco mais. Mas nunca tive problema com o tempo. Pelo contrário, essa imposição temporal instiga. Faz parte do negócio.

Camilla Melo: Você acredita na possibilidade de serem incluídos, cada vez mais, textos com as características que os seus têm apresentado? Para além disso, você acredita no jornalismo literário como uma espécie de fuga da mesmice com a qual estamos habituados?

Sarmento: Espero que sim. Além de escritor, de ator neste processo, sou também leitor. É sempre bom se deparar com um texto atraente, sedutor, leve, em que o jornalista saiba destrinchar o tema, brincar com as palavras, impressionar, emocionar, mas, acima de tudo, trazendo as informações corretas. Não basta escrever bem, tem que saber o que escreve.

Camilla Melo: Por fim, fale-me mais sobre o seu olhar jornalístico: há como trabalhar com responsabilidade, focando na sociedade e no bem comum; mesmo com todas as amarras impostas pelos manuais de redação?

Sarmento: Acredito que sim. É preciso estar ciente de que, de um lado ou de outro, sempre haverá limitações. O grande segredo é saber impor seu ritmo nesta dança. Todos somos capazes disso e devemos buscar isso sempre. O bem comum deve ser o objetivo nosso de cada dia.